



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Raianne da Silva Alves Bernardo

A RELAÇÃO ENTRE CRECHES E FAMÍLIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL:
Desafios da inserção

Orientador: Prof^o Dr^o Daniela de Oliveira Guimarães

Rio de Janeiro

Junho de 2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A RELAÇÃO ENTRE CRECHES E FAMÍLIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL:
Desafios da inserção

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Daniela de Oliveira Guimarães

Rio de Janeiro
Junho de 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A RELAÇÃO ENTRE CRECHES E FAMÍLIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
desafios da inserção

Raianne da Silva Alves Bernardo

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Daniela de Oliveira Guimarães

Professor (a) Convidado (a): Deise Arenhart

Professor (a) Convidado (a): Priscila De Mello Basílio

Rio de Janeiro, Junho de 2017

Dedico este trabalho sobre a relação entre famílias e escolas a minha família, ela foi parte essencial de minha trajetória escolar. Esse trabalho é para vocês, para mostrar a importância que tiveram em minha formação e a importância de cada família na educação de nossas crianças.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por me permitir lutar todos os dias para vencer os obstáculos e desafios desta jornada, a ele toda honra e glória da conclusão dessa etapa.

Agradeço aos meus pais, sem eles eu não estaria aqui! Apoiaram-me nos momentos mais difíceis, acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava, não apenas nesta etapa, mas sim em toda minha trajetória escolar. Foi por eles que optei trilhar este caminho.

Agradeço a minha avó e aos meus tios por me apoiarem, acreditarem em mim, compartilhar o mesmo sonho e inúmeras vezes me ouvirem falar sobre educação.

Agradeço as minhas duas irmãs, que amo muito e que por vezes tiveram que ensaiar comigo para seminários e regências. Agradeço ao meu noivo, eterno namorado, por acreditar nesse sonho junto comigo, por me aturar em momentos difíceis da graduação e dizer sempre que eu sou capaz.

Agradeço as minhas amigas e companheiras dessa jornada que estiveram comigo durante esses anos. Choramos, surtamos, fomos felizes e tornamos os momentos mais cansativos em momentos inesquecíveis, Jamille, Rebeca, Thaianne e Thaís vocês fazem parte da minha história.

Agradeço as minhas amigas que me viram ausentes durante este tempo e comemoraram comigo as vitórias de cada etapa.

Agradeço a minha coordenadora e orientadora Daniela Guimarães que em três anos me ensina o que é ser professora, pesquisadora e pessoa. Com ela pude me encantar e me apaixonar pela docência na educação infantil. Ela tornou-se uma grande amiga.

Agradeço a Tatiana Freitas que por dois anos foi minha supervisora no programa de iniciação a docência, me mostrando as emoções que o ato de ser professor nos faz sentir.

Agradeço ao grupo PIBID com ênfase em educação infantil 2014/2015 pela oportunidade de trocas afetivas e profissionais. Aprendi muito com cada uma das bolsistas e dos supervisores nesse período de extrema importância para minha formação.

Em geral agradeço as pessoas e professores que fizeram parte desse capítulo de minha vida.

“É isto que amamos nos outros: o lugar vazio que eles abrem para que ali cresçam as nossas fantasias. Buscamos, no outro, não a sabedoria do conselho, mas o silêncio da escuta; não a solidez do músculo, mas o colo que acolhe. Como seria bom se as outras pessoas fossem vazias como o céu, e não tão cheias de palavras, de ordens, de certezas. Só podemos amar as pessoas que se parecem com o céu, onde podemos fazer voar nossas fantasias como se fossem pipas...”

(Rubem Alves)

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1 A inserção como construção de novos relacionamentos.....	12
1.1 - Como surgiram as pesquisas sobre a relação família e escola no contexto acadêmico.....	12
1.2 - A complementaridade entre a instituição família e as instituições de educação infantil.....	15
1.3 - O que é inserção? Como os autores a descreve?	20
Capítulo 2 Os desafios da inserção.....	26
2.1 – Conhecendo a instituição e o caminho percorrido para a produção dessa pesquisa.....	26
2.2- Organizações do tempo e espaço no período de Inserção.....	28
2.3 – As relações – entre encontros e desencontros.....	32
2.4 Mordidas: Agressão ou expressão, como elas implicam na relação!.....	36
Considerações Finais.....	40
Anexos.....	42
Referência Bibliográfica.....	44

Resumo

A presente monografia consiste em um estudo qualitativo sobre as relações entre famílias e creche. A partir das experiências com estágios na Graduação de Pedagogia, dentre outras, podemos considerar que em muitas instituições de Educação Infantil as relações não são compreendidas como importantes no trabalho pedagógico. Em muitos casos, a instituição creche e as famílias seguem caminhos contrários no educar e no cuidar das crianças. A partir desta constatação, o objetivo principal desse estudo é analisar a relação entre as instituições família e creche na educação da primeira infância e compreender os desafios que existem no período de inserção, implicando na relação entre educadores e pais. Para fundamentar esta discussão, a pesquisa foi orientada a partir de aportes teóricos selecionados como referenciais. Dentre estes destacamos Bondioli & Montovani (1998), Tiriba (2001), Bove (2002), Guimarães (2012), entre outros, que abordam questões pertinentes ao tema relação entre famílias e creche e a inserção de pais e crianças a instituição. O trabalho empírico foi realizado numa creche da prefeitura municipal do Rio de Janeiro, localizada na região central da cidade. A pesquisa consolidou-se a partir de observação e anotação em caderno de campo do contato entre educadores e pais no período de inserção dos bebês. Outro método aqui utilizado trata-se de entrevista semi-estruturada com educadoras, gestão e a mãe que se sentiu instigada a participar deste trabalho. Ao final concluímos que não existe fórmula para o relacionamento entre educadores e pais, mas sim um caminho a ser construído anualmente com cada família. É preciso ter sensibilidade para compreender que cada criança, cada família tem suas particularidades e seu modo de agir. A inserção é o momento do professor reaprender, conhecer pais e crianças e se conhecer naquele grupo. A inserção deve ser vista como um momento inicial de contatos, de preparar-se para receber o outro e deve continuar-se ao longo da permanência da criança na instituição.

PALAVRAS – CHAVE: Educação Infantil; Creche; Relações; famílias; educadores

Introdução

A relação entre pais e educadores acontece em todas as etapas de ensino, seja por meio de agendas, bilhetes ou recados passados pelos vizinhos ou algo mais profundo que engloba conhecimentos e trocas entre esses sujeitos sociais. Esta pesquisa busca compreender quais os meios utilizados por uma instituição específica para comunicar-se e relacionar-se com os pais. Problematizamos a importância da construção de relações entre pais, educadores e crianças. Buscamos também compreender as relações creche-famílias e suas tensões, para desta forma analisarmos os desafios da inserção (momento em que se inicia a relação, os primeiros dias na creche).

Porém ao tentarmos problematizar tal tema, muitas dúvidas nos vêm a mente. A partir de minhas inquietações fiz os seguintes questionamentos: qual o lugar das famílias? E como elas são vistas? Como as famílias se vêem? Como a instituição percebe e significa as famílias? Essas questões surgiram a partir do confronto entre duas realidades que vivenciei em minha graduação, no contexto da Educação Infantil. Durante o semestre de 2015.2 acompanhei pelo Programa de iniciação a docência com ênfase na educação infantil (PIBID) o “Projeto Viagens” realizado por minha supervisora no programa com sua turma de crianças de quatro anos, na Unidade de Educação Infantil do Colégio Pedro II.

O projeto trazia as famílias para dentro da sala de aula. Os pais, junto com seus filhos, escolheram um lugar do mundo para viajar através da pesquisa e apresentaram para o grupo de crianças o resultado de tal viagem. Houve viagens para o Havaí, Japão, entre outros lugares. O resultado apresentado era importante, mas havia algo muito especial, a saber, o processo de construção em casa, no qual as famílias se reuniam com seus filhos para planejarem e executarem as tarefas a serem levadas para a escola. Os pais junto com as crianças preparam maquetes, cartazes e pratos típicos do local pesquisado.

Com o projeto viagens pude perceber o quão importante era para as crianças estarem com os pais em sala, apresentando uma pesquisa produzida pela família. Isso possibilitou um tempo de construção e organização entre pais e filhos de suma importância para o desenvolvimento das crianças. A presença dos pais na instituição promoveu a eles uma ideia de lugar seguro.

Elas passam a confiar naquele espaço, podendo assim construir novos laços de amizade e de companheirismos com pessoas que não pertencem a sua família.

Posterior a esta vivência, realizei no ano de 2016 o meu estágio obrigatório em uma creche do município do Rio de Janeiro com o maternal um (crianças entre 2 e 3 anos). Na festa do dia das mães, as portas da sala foram abertas para as mães das crianças, que optaram por não participar da atividade proposta pela professora (fazer massinha). Era como se elas não pertencessem ao espaço, não tivessem vínculo nem com o ambiente e nem com as pessoas presentes.

A partir dessas experiências defini como objetivo geral de minha pesquisa, analisar caminhos e desafios da relação entre creche e famílias na educação das crianças de 0 a 2 anos, especialmente no momento da inserção das crianças na creche. Procurando compreender as tensões, os desafios e as positivities presentes na relação entre pais e educadores.

Para Bove (2001) as estratégias de inserção, foco principal desta pesquisa, “*é estimular e valorizar os relacionamentos entre adultos e crianças*” (p.136) No decorrer desta pesquisa esses relacionamentos serão problematizados e buscaremos compreender a importância deles para o desenvolvimento infantil, e quais os desafios que perpassam essas relações. É importante compreender que as relações permeiam a inserção, é neste momento que ela começa a acontecer e a se consolidar. A ênfase deste trabalho está nas relações entre os sujeitos, sejam elas entre os adultos e também entre os adultos e crianças que são os atores principais da instituição creche.

No primeiro capítulo, abordamos os caminhos trilhados para os estudos sobre relação famílias e escolas, a partir da perspectiva histórica e sociológica. Buscamos compreender a construção da instituição creche a partir da legislação, as relações entre pais e educadores e as características que definem tal relação como um problema, o que é inserção e sua importância no relacionamento entre os três sujeitos da Educação Infantil: famílias, educadores e crianças. O capítulo está dividido em três subitens: 1.1 Como surgiram as pesquisas sobre a relação família e escola no contexto acadêmico; 1.2 A complementaridade entre a instituição família e as instituições de educação infantil e 1.3 O que é inserção? Como os autores a descreve? Os três subitens se relacionam e dialogam com diversos autores que já problematizaram o tema.

No segundo capítulo, descrevo minha vivência em campo, que durou quarenta horas de forma intensiva, em uma creche municipal na cidade do Rio de Janeiro. Nosso objetivo foi observar a inserção dos bebês e suas famílias no berçário percebendo os desafios que a permeiam. O capítulo está subdividido em quatro subitens: 2.1 Conhecendo a instituição, os referenciais de pesquisa e o caminho percorrido para a produção dessa pesquisa. 2.2 Organizações do tempo e espaço no período de Inserção; 2. 3 As relações – entre encontros e desencontros 2.4 Mordidas: Agressão ou expressão, como elas implicam na relação? Todos os subitens integram minhas anotações em campo com a perspectiva de autores e bibliografias da área.

Ao final concluo com minha percepção sobre a pesquisa, qual importância ela tem para os educadores e para a academia. Descrevo também sua importância para minha formação como educadora.

Capítulo 1: A inserção como construção de novos relacionamentos?

*Todo jardim começa com um sonho de amor.
Antes que qualquer árvore seja plantada
Ou qualquer lago construído, é preciso
Que as árvores e os lagos tenham
Nascido dentro da alma
Quem não tem jardins por dentro
Não planta jardins por fora
E nem passeia por eles
Rubens Alves*

O presente capítulo tem como objetivo conceituar e analisar a relação entre educadores e famílias no contexto da creche, dando ênfase na inserção das crianças e suas famílias, ou seja, como elas tornam-se parte desse contexto. Em interlocução com autores serão abordadas as dificuldades e possibilidades dessa relação na instituição creche. Temos como propósito compreender os três sujeitos sociais como de suma importância no trabalho com a primeira infância: pais, educadores e crianças. É a partir dessa compreensão que problematizaremos as relações entre esses atores sociais desde o primeiro contato com a creche, a inserção (um conceito Italiano que será abordado no decorrer do capítulo), tal conceito é o foco desta pesquisa que problematiza as relações na creche desde primeiros dias dos bebês e suas famílias na instituição.

Antes de partirmos para o foco principal abordaremos neste capítulo quando surgiram estudos que passaram a ter um olhar específico para a relação entre pais e educadores. Tal relação existe desde o surgimento da escola, seja ela apenas a de deixar seus filhos sob a guarda de outras pessoas (os professores). Porém para compreendermos os avanços nas pesquisas sobre o tema e compreendermos o nosso tema em estudo é necessário à contextualização dos primeiros estudos sobre as relações no âmbito escolar, além de compreendermos e enfatizarmos o surgimento da instituição creche e o como ela era compreendida. Esses dados nos permitem compreender nosso contexto atual, para assim analisarmos o campo de estudo à qual estamos inseridos.

1.1 Como surgiram as pesquisas sobre a relação família e escola no contexto acadêmico

A fim de contextualizar a importância da família no desenvolvimento das crianças, em pesquisa bibliográfica, consultamos o tempo histórico que a relação com os pais passou a ser questão no campo educacional. Segundo Nogueira (2005), as pesquisas e estudos sobre a relação entre família e escola fazem-se presente na literatura sociológica desde as décadas de 1950 e 1960.

Porém esses estudos se caracterizavam por variáveis relacionadas ao fator econômico (renda, nível de escolaridade dos pais, número de filhos, e etc.) Ou seja, tais fatores tinham influência direta no “sucesso” escolar dos alunos, e os pesquisadores detinham-se apenas a essas características e não a presença efetiva dos pais nas instituições.

Continuando nossa busca histórica, na década de 1970 o paradigma da reprodução descrito por autores como Pierre Bourdieu e Passeron, (vertente culturalista) postulou a transmissão de uma herança, de caráter material ou simbólico, das famílias para seus filhos que determinaria os resultados escolares destes. Ou seja, pelo que Nogueira (1990) aborda, a função das famílias nesse período era a de definir o desenvolvimento escolar das crianças pela classe social que pertenciam. “capital social e cultural” descritos por Bourdieu.

A década de 1970 pode ser exemplificada sobre os estudos de relação família e escola a partir da perspectiva de Bourdieu e Passeron, descritos por Nogueira.

Limita-se, ao usar um código de transmissão cultural no qual apenas as crianças e jovens da classe dominante já foram iniciados no ambiente da família, a permitir a continuação desses no jogo da cultura e a confirmar a exclusão dos filhos de pais das classes subordinadas. (Nogueira, 1990, p.6)

A partir da década de 80 os sociólogos tiveram o desejo de investigar e conhecer os processos e as dinâmicas familiares, superando o plano das análises macroscópicas. Nesse período histórico surgem os primeiros estudos que deixaram de compreender a importância das famílias apenas por variáveis relacionadas ao fator econômico (renda, nível de escolaridade dos pais, número de filhos, e etc.). Conhecer as famílias e a relação delas com a escola ou a instituição de Educação Infantil passou a fazer parte do contexto acadêmico.

Com base no recorte histórico acima, podemos compreender que Maria Alice Nogueira retrata em seus estudos a relação entre escolas e famílias abordando a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). A compreensão de seus textos nos permite conhecer os caminhos pelos quais as pesquisas sobre relação família e escola passou até chegarmos aos estudos que observam as variáveis econômicas, incluindo a observação dos sujeitos sejam eles pais, educadores ou crianças.

O que nos permite entender e observar as reações, os olhares, as falas e os sentimentos das pessoas que fazem parte da pesquisa.

Segundo Nogueira (2005) “*seria certamente um equívoco se pensássemos que em períodos anteriores ao nosso inexistiam relações sociais entre as famílias e as instituições escolares, embora elas fossem seguramente mais esporádicas menos intensas e de natureza diferente*” (p.574). Porém os pesquisadores sejam eles sociólogos ou educadores vieram se debruçar em pesquisas relacionadas ao tema a partir dos anos de 1950.

Os estudos de Nogueira nos permitiram contextualizar as pesquisas sobre a relação entre famílias e escolas. É de suma importância compreender como elas surgiram e quais eram seus objetivos. Assim percebemos as modificações das pesquisas sobre relações entre pais e educadores no decorrer do tempo, até os dias atuais, para podermos traçar a meta de nossa pesquisa e o caminho que seguiremos para analisar as relações. Podemos fazer assim, o recorte para o foco de nosso estudo, a Educação Infantil (primeira etapa da educação básica) que segundo a Lei 9394/96 em seu artigo 30º é oferecida em Creches para crianças de 0 a 3 anos e pré-escolas para crianças de 4 e 5 anos.

A partir dos textos de Nogueira compreendemos o caminho percorrido pelas pesquisas sobre as relações das escolas com as famílias, as variáveis que definem os estudos. Portanto, com esta base, podemos iniciar um estudo sobre as relações entre pais e educadores, em qualquer etapa de ensino, em nosso caso, a Educação Infantil. É importante ressaltar que o objetivo central desse trabalho é o foco nas relações das instituições creches, há o interesse de compreender os pais e crianças no primeiro contato com uma instituição que não é a familiar. Compreendemos os pais não apenas na perspectiva biológica e sim afetiva e emocional, aqueles que cuidam e criam as crianças; compreendemos os educadores, abrangendo todos os funcionários da creche, incluindo as gestoras, merendeiras e auxiliares de serviços gerais, que junto com as crianças são considerados os três sujeitos que compõem esse estudo.

Para darmos ênfase na instituição creche precisamos contextualizá-la a fim de conhecer e compreender o como ela surgiu e qual era a relação dela com as famílias em seu surgimento, para podermos traçar o comparativo com as questões atuais da relação família e creche. Guimarães (2012) relata que a instituição creche surgiu no Brasil no

final do século XIX e início do século XX no contexto da abolição da escravatura, quando as mulheres ingressaram no mercado de trabalho

Segundo a autora a creche se constituiu como um espaço de guarda e depósito de crianças, para que suas mães pudessem trabalhar. Com o estudo de Didonet podemos perceber que em vários países a creche teve em seu momento inicial a concepção de um lugar para “guardar” essas crianças.

Os primeiros nomes dessa instituição são reveladores do seu propósito: *garderie*, na França; *asili*, na Itália; *écoles gardiennes*, na Bélgica. Até hoje *guardería* é a expressão usada em vários países latino-americanos para referir-se à instituição que atende a crianças menores de 3 anos. “Guarda da Criança” também foi a expressão que traduziu a intenção nos primórdios desta instituição no Brasil. (Didonet, 2001, p. 13)

Tiriba (2001) explicita que no Brasil “*as creches são instituições que nasceram na contramão da família e não no diálogo com elas*”. (p.71) Esta surgiu como “*compensação social*” para as mulheres que trabalhavam fora do lar, numa perspectiva assistencialista.

Compreendemos que a instituição creche não surgiu como um espaço para o desenvolvimento infantil e que tão pouco havia um diálogo ou uma complementaridade entre famílias e creches, no momento de sua existência. Tiriba utiliza a palavra na “*contramão*”, para descrever o caminho percorrido pelas duas instituições. Ou seja, famílias e creches seguiam e em algumas instituições, ainda seguem caminhos opostos.

A construção de parceria é um desafio atual, desde a LDB de 1996 que define estas duas instituições creche e famílias como parceiras.

1.2 A complementaridade entre a instituição família e as instituições de Educação Infantil

Como descrito anteriormente à relação entre essas duas instituições, famílias e creche era e ainda é em alguns lugares, compreendida “*como caridade das instituições e dos adultos que assumem, no dia a dia, o cuidado das crianças. Tendo como resposta das famílias, o sentimento de gratidão e o medo de cobrar, de reivindicar qualidade nos serviços e nas relações com as crianças*”. (Tiriba, 2001, p.73).

Essa concepção assistencialista da instituição creche como um espaço destinado ao auxílio às mães que trabalham é característica da história da Educação Infantil em nosso país. O direito a esses espaços era das mães; passou a ser também direito das crianças no ano de 1988, com a Constituição Federal. No artigo 208 fica explícito que o “*dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de*” entre outros incisos, “*o atendimento em creche e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade*”.

Posterior à Constituição temos a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9394/96, quando a Educação Infantil tornou-se parte do sistema educacional. Destacamos o artigo 29º que relata “*A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade*”. O que fica explícito na lei referente à relação entre famílias e creche é ação complementar entre família e instituição de Educação Infantil. Segundo Guimarães (2012), “*complementaridade pressupõe parceria, encontro e diálogo, o que se contrapõe à ideia de substituição que supõe disputa de lugar, poder e saber nas relações com as crianças*” (p.92).

Agora que já descrevemos a instituição creche como direito das crianças de 0 a 3 anos, já problematizamos os estudos sobre relação família e escola com Nogueira, podemos aqui problematizar a relação entre essas duas instituições sociais.

Bandioli e Mantovani (1998) descrevem a creche e as famílias como “*instituições em confronto criando um jogo complexo de dinâmicas voltadas a demonstrar não somente o aspecto indispensável, mas também a prioridade de suas funções.*” (pág. 168). O conflito anunciado pelos autores é destaque de diversas pesquisas sobre o tema, nas quais famílias e creches, as últimas representadas pelos educadores e gestores, colocam-se como instituições em constante confronto, descompasso e desencontros, por terem perspectivas diferentes e não trabalharem perante a ótica da ação complementar descrita pela lei 9394/96. Além dos fatores já descritos, há também outra questão que implica em conflito entre as duas instituições. Quando a creche é percebida numa perspectiva assistencialista, ou seja, uma instituição para cuidar dos bebês, no sentido de proteger/preservar enquanto as mães trabalham. As educadoras assumem as funções maternas, sem perspectiva do educar o que promovem nas mães “*um sentimento de culpa, por não poder cumprir sua função, e,*

frequentemente, de ciúme de quem estaria no seu lugar: a educadora.” (Tiriba, 2001, p.72).

É importante ressaltar que existem alguns fatores que influenciam o desejo dos educadores em “manterem” as famílias distantes da instituição. Destacamos aqui os *“episódios da vida da creche que influam negativamente em seu juízo: crianças que choram momentos de confusão. Episódios dos quais provavelmente o pai não tem conhecimento* (BONOM,1998, pág.165) Tais episódios fazem-se presentes no cotidiano da creche. As crianças choram, brigam entre si por conta de brinquedos, objetos e outras coisas, nem sempre o educador vai conseguir resolver todos os conflitos ao mesmo tempo. Por isso há um receio de que as famílias assistam a estes momentos e os julguem.

Tiriba (2001) descreve as *“disputas silenciosas pelo afeto da criança”* (p.72). Ou seja, abordamos mais duas questões que implicam no relacionamento família e creche: o sentimento de culpa e as disputas pelo afeto da criança. Nos estudos de Guimarães (2011) a autora explicita *“quando a instituição aborda o outro família refere-se ao lugar de falta (de tempo, de atenção, de escuta, de lugar para a criança)”* (p.91) Enquanto isso no outro extremo *“quando a família se refere a instituição, é comum colocá-la no lugar da prestadora de serviços (também em falta) de atenção (individualizada), de cuidados básicos.”* (p. 91)

O texto de Bondioli e Montovani (1998) nos possibilita compreender que educadores tecem diversas críticas às famílias, uma dessas críticas refere-se aos *“errôneos comportamentos educacionais”*, ou seja, as crianças adquirem comportamentos inadequados em casa, que precisam ser corrigido pelas educadoras na instituição. Críticas como essa promovem conflitos entre os sujeitos sociais envolvidos.

Esses conflitos levam muito tempo para encontrar uma solução e se tornam crônicos, até, criar-se, entre educadores e pais um clima relacional bloqueado, no qual parece impossível que de alguma parte surjam iniciativas ou sejam acionados procedimentos para uma efetiva superação do conflito. (Bandioli;Montovani, 1998, p.164)

Bondioli e Montovani (1998) continuam o estudo descrevendo três modalidades referentes à relação entre educadores e pais na creche. A primeira modalidade que se resume como “participação social” refere-se ao desejo dos educadores sobre a participação efetiva dos pais na vida da creche, como sujeitos coletivos.

A segunda modalidade trata-se de um comportamento “didático-educacional”, no qual educadores têm o objetivo explícito ou implícito de mostrar e impressionar os

pais as coisas que as crianças eram capazes de fazer com o auxílio das educadoras.

“Não existia possibilidade de uma troca, visto que a experiência do pai com o filho não encontrava espaço senão como campo de autocrítica em relação ao modelo educacional proposto pela creche.” (Bondioli; Montovani 1998, p.162).

A terceira modalidade é descrita como “envolvimento ideológico”, ou seja, há a tentativa de envolvimento dos pais numa perspectiva de que estes participem das:

Várias ideologias da creche: a educacional, a institucional e organizacional, a social, deixando de lado, por ser muito complexo e conflitante, o aspecto relacional, do confronto entre indivíduos empenhados, a partir de pontos de vista diversos, em uma experiência com a criança. (Bondioli;Montovani 1998, p.163).

As modalidades descritas pelos autores nos promovem reflexões acerca do relacionamento entre educadores e pais. É perceptível a culpabilização das famílias, mas há controvérsias, pois ao mesmo tempo em que educadores desejam a participação efetiva de pais, eles não percebem a creche como um lugar de encontro entre famílias e instituição, mas sim como o espaço que propicia a criança mais estímulos e impulsos do que a sua casa.

Em interlocução com os textos em estudo, torna-se perceptível que a instituição creche tem como desafio compreender as famílias como parceiras perante o objetivo do ato de cuidar e educar as crianças. Além disso, muitas famílias não compreendem a creche como um espaço educativo. A partir do texto de Guimarães (2011) conseguimos perceber que elas ainda vêem a instituição como um espaço de cuidados básicos, com a concepção de que a creche deve apenas cuidar/guardar seus filhos, netos, sobrinhos e etc.

Além disso, a autora destaca que

Ou a instituição petrifica a família ao cristalizá-la em estereótipos: ausente, relapsa, negligente, por exemplo. Ou produz uma mistura, vendo-se também como família, nomeando as crianças de filhos (das professoras), buscando substituir as mães. (GUIMARÃES, 2011, p.90)

Além dessa “petrificação” das relações descrita por Guimarães, complementamos esse pensamento com os estudos de Tiriba que explicita a configuração de

Um quadro de incomunicabilidade, de hostilidade, de guerra: a população vê-se lutando por algo que lhe é constantemente negado e a escola vê a população indiferente, hostil em relação aos benefícios que acredita estar lhe oferecendo (2001, p.69).

Em suma, compreendemos que a falta de diálogo entre famílias e creches as transformam em instituições desarticuladas, instituições que deveriam visar o mesmo objetivo complementando uma a ação da outra para assim auxiliar no desenvolvimento da criança.

Creches e famílias julgam umas as outras “*a quem serve esta guerra e porque se constituiu o isolamento da escola?*” (Tiriba, 2001, p. 69). Essas indagações nos permitem problematizar a guerra construída em alguns ambientes escolares, guerras que prejudicam o objetivo da instituição creche, proposto pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a complementaridade com as famílias. O isolamento das instituições que não buscam se aliar em suas funções propicia relações verticais e hierárquicas nas quais uma instituição compreende-se melhor do que a outra.

Vários autores compartilham da concepção sobre a construção de parceria, que se instaure no lugar do conflito e confronto ainda existente na creche, local onde o encontro das famílias, dos educadores, dos gestores, das crianças e da comunidade faz-se necessário para a educação das crianças pequenas. “*Uma parceria entre sujeitos que atuam de forma diferenciada frente ao mesmo desafio, a educação das crianças pequenas, em vez de explicar aos pais o trabalho que a creche realiza, é preciso construir com eles um projeto de educação.*” (TIRIBA, 2001, p.75)

Ao pensarmos na parceria entre os sujeitos, descrita por Tiriba fazemos interlocução com Sacon 2014 que explicita como tal parceria pode ser efetiva:

A necessidade de uma continuidade entre família e educação infantil, no sentido de uma congruência no que se refere à educação da criança baseada no apoio mútuo, enriquecendo e facilitando o seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem, o que remete a uma concepção de família como aquela capaz de contribuir para com o desenvolvimento integral da criança, junto a instituição de Educação Infantil. (p.21)

Descrevemos nesse estudo o relacionamento entre educadores e pais e o como este implica no desenvolvimento das crianças. O estudo de Maistro (1997) nos auxilia na definição do elo entre esses três sujeitos no qual a criança

É na verdade o ímã que provoca o encontro destas duas instituições e que lhes dá sentido. (...) A criança não pode ser vista como um sujeito em si, sem história, pois sua identidade, sua personalidade é construída nas relações entre estas duas instituições, ou seja, ela é fruto destes contextos. (p.102)

Guimarães (2011) relata um dos desafios acerca da relação entre educadores e famílias. *“Um imenso desafio é enfrentar a alteridade na relação com a família, desviando do julgamento de suas atitudes, da comparação, compreendendo as possibilidades e limites do diálogo com ela.”* (p. 89) O pensamento desta autora nos permite destacar três palavras: julgamento, comparação e diálogo. O que presenciamos nas instituições são os julgamentos de professores que optam por delegar o que as famílias fazem, se é correto ou não, sejam atitudes comportamentais ou o cuidado das crianças. Há comparação de famílias é comum também, no cotidiano da instituição seja uma comparação entre educadoras e mães, ou até mesmo entre famílias e famílias compreendendo umas como melhores e desmerecendo as outras. Porém o que Guimarães nos traz é o princípio fundamental dessa relação o diálogo entre famílias e creche. É no diálogo que se constroem laços, que se passa a conhecer o outro. Ele permite que educadores e pais tracem juntos os caminhos para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Os fatores aqui apresentados permitem-nos perceber as inúmeras questões que permeiam o relacionamento entre famílias e creches: a concepção assistencialista de educação, instituições em confronto, as educadoras que assumem as funções maternas, o sentimento de culpa das mães, disputas silenciosas pelo afeto da criança, a visão da creche sob a família como um lugar de falta, a incomunicabilidade entre as instituições, e os episódios do cotidiano da creche que promovem o medo da presença dos pais.

Conseguimos elencar aqui algumas características que influenciam de forma negativa o relacionamento entre famílias e creches. Esse subcapítulo permitiu o conhecimento de cada aspecto citado. É preciso conhecer o que nos cerca no dia a dia, as minúcias que não conseguimos perceber no calor de nossas atividades como educadores. Torna-se necessário um olhar externo que nos aponte os resultados de nossos atos e no que eles influenciam. Há o interesse de permitir a nossos bebês um desenvolvimento promovido pela creche complementando a família. Os pontos aqui apontados permitem aos educadores refletirem e problematizarem essa relação de forma que esta seja um fator importante para os bebês.

1.3 O que é inserção? Como os autores a descreve?

Para a construção da parceria torna-se importante o cuidado com a relação desde o primeiro contato com as crianças e suas famílias, durante a Educação Infantil. Porém é

preciso ressaltar que quando nós fazemos um recorte de estudo para o berçário, como o que se apresenta nesta pesquisa, torna-se necessário pensar que o contato com a creche, em muitos casos, é o primeiro contato externo a família, que as crianças têm. Este motivo implica ainda mais, num relacionamento com os pais que permita a criança sentir-se parte de um grupo social que não seja o seu grupo familiar.

Ressaltamos a importância de compreender a instituição família como construção histórica e social, ou seja, ela está em constante transformação. Outro fator importante para analisarmos antes de enfatizar a inserção de famílias e crianças na creche são os modelos familiares. Não existe um único modelo, nem tão pouco o modelo correto, é preciso desnaturalizar a concepção de família como pai, mãe e filho e pensar nas diversas famílias, que existem atualmente, na sociedade. Crianças criadas por avós, ou apenas pelas mães, por dois pais ou duas mães. Essa é a realidade que os educadores encontram nas instituições de nosso país. Professores precisam relacionar-se com as famílias, propiciando o desenvolvimento das crianças.

Além da compreensão dos modelos de famílias existentes, em diálogo com o texto de Bove conseguimos perceber que *“o trabalho com crianças e suas famílias exige que os professores e os profissionais estejam preparados para reconhecer e respeitar a imensa variedade de sistemas culturais que as famílias apresentam.”* (Bove, 2001, p. 146). Ao problematizarmos a questão posta pelo autor, podemos sintetizar que os educadores estão lidando com culturas diversas. Para isso é preciso que desnaturalizem o conceito de que suas ideologias e seu caminho cultural sejam os únicos e corretos. Os diferentes capitais culturais se fazem presente na instituição, provocando os educadores a respeitar e utilizar as concepções culturais presentes na sala para enriquecer e ampliar o repertório cultural das crianças.

O momento em que se inicia o relacionamento entre pais e educadores é nomeado por diversas instituições como adaptação. Neste trabalho procuramos utilizar o termo inserção, traduzido do italiano *“inserimento”*. Adaptação nos remete às crianças tendo que se adaptar e se moldar a um ambiente pronto. Enquanto inserção refere-se às crianças que se inserem no ambiente e o ambiente que se prepara para receber as crianças e suas famílias.

O termo inserção denomina *“a estratégia de dar início a uma série de relacionamentos e comunicações entre adultos e crianças quando a criança está ingressando em uma creche ou pré-escola pela primeira vez.”* (Bove, 2001, p.15)

Não são apenas os educadores que fazem parte dessa estratégia, mas também a gestão e todos os funcionários da creche. O acolhimento das crianças demanda que toda comunidade escolar esteja pensando e repensando as formas de recepcionarem as crianças e suas famílias.

Bove (2001) explicita que tal termo modificou a concepção dos primeiros contatos com a creche. Relata que “*a inserção tem sido vista como uma experiência de construção de novos relacionamentos mais do que como uma experiência que gira em torno da separação da mãe.*” (Bove, 2001, pág.139) A ênfase do inserimento não é na melhor forma de separar famílias e crianças, mas sim no como serão criados vínculos e laços entre os sujeitos para que todos estes se sintam pertencentes ao espaço institucional.

Como já destacado acima a inserção é um momento, porém é um momento em que construímos os laços necessários para que o relacionamento entre pais, crianças e educadores possa se efetivar no decorrer do ano.

Embora esse privilégio não dure para sempre, ele oferece às crianças um sentimento inicial de familiaridade e de segurança emocional que certamente durará mesmo quando os pais não estiverem presentes. Essa estratégia também oferece aos professores a oportunidade de aprenderem sobre os padrões individuais de interação e sobre as diferentes formas de relação entre pais e filhos. (Bove, 2001, PÁG.35)

Como descrito por Bove à inserção prepara o caminho para que educadores, famílias e crianças estimulem e valorizem as “*interações adulto criança e criança criança como contexto de aprendizagem.*”(Dunn,apud Bove2001, pág.138)

Pensamos na inserção de forma que as crianças transitam entre família e creche sem “traumas”, ou seja, a separação será mais fácil e menos dolorosa. Mas a inserção não se restringe a essa separação, nem tão pouco essa seja a prioridade dela, há também a integração de famílias e crianças ao ambiente da creche. Torna-se necessário ressaltar que este processo precisa ser trabalhado em todos os anos, em cada recomeço, durante o período em que as crianças e famílias estiverem na instituição, ou seja, ele é contínuo, porém revisto em cada etapa.

Não são apenas as crianças que estão sendo inseridas, mas também suas famílias. De acordo com Bondioli e Mantovani (1998) “*a presença de uma figura familiar com quem a criança seja fortemente apegada (a mãe, o pai ou quem cuidou*

dela) é certamente uma condição importante para que a criança aceite com alegria e curiosidade o novo ambiente e esteja disponível a estabelecer novos relacionamentos.”
(pág.176)

As autoras explicitam uma das funções dos educadores no período da inserção. Esses devem deixar claro as famílias, qual o seu papel e a diferenciação do papel da creche para o papel dos pais.

O papel da educadora com a criança é rico, mas diferente, feito para mediar outras experiências de conhecimento do ambiente, de jogo, da vida em grupo; enfim, um relacionamento “quente”, porém mais cultura, ou seja, profissional. Neste sentido a educadora não é o substituto materno, mas um polo externo à família, aliado e não rival dos pais. (Bondioli e Mantovani, 1998, pág.180).

A diferenciação dos papéis torna-se importante para as famílias, que em alguns casos têm medo de que os filhos prefiram os educadores, até mesmo, por passarem mais horas do dia com estes do que com os próprios pais. Além disso, as educadoras precisam consolidar para si mesmas que o relacionamento entre elas e as crianças devem ser culturais e profissionais. A afetividade se faz presente na relação educador e criança na creche, mas estes não podem confundir seus papéis colocando os como substitutos maternos, como nos casos em que professores, chamam as crianças de seu grupo de filho ou filha.

Educadores e famílias constroem no período de inserção uma parceria produtiva para o desenvolvimento das crianças que poderá *“conduzir os adultos a situações em que gradativamente comecem a se abrir uns com os outros e tornem-se parceiros, em vez de antagonistas. Podendo compartilhar seus conhecimentos, em lugar de exibir suas competências”* (Bove, 2001, pág.140).

A parceria produtiva descrita acima proporciona a criação de vínculos e laços afetivos auxiliando na complementaridade da educação e do cuidado das crianças pequenas. Envolver as famílias na prática educativa propicia o desenvolvimento pleno de nossas crianças.

Como já descrito não pensamos na inserção das crianças, mas sim na inserção de crianças e famílias ao contexto institucional. Compreendemos a presença de pais ou familiares que possuam vínculo afetivo com a criança de suma importância, para que ela compreenda seu espaço na creche ou escola de educação infantil. Porém caso a inserção

“não for preparada e vivenciada com clareza de ideias e de mensagens por pais e educadores, pode reforçar ou até induzir a comportamentos incoerentes (Matovani; Terzi, 1998, P.178).

Ao pensarmos nas famílias como parte integrante da instituição e a instituição como um espaço aberto às famílias é proporcionado aos pais

Uma grande variedade de oportunidades de compartilhar, debater e discutir os assuntos mais importantes dos papéis de pai e mãe. Simultaneamente, oferece-lhes uma variedade de ocasiões em que podem observar outros adultos interagirem simultaneamente com seus filhos. (Bove, 2001, p.146)

Como já foi afirmado, ao analisarmos a instituição creche, encontramos três sujeitos que se interligam no trabalho pedagógico deste espaço: famílias, educadores e crianças. Precisamos compreender essas famílias como parte efetiva da creche, o relacionamento com elas promove a nós educadores uma compreensão singular daquela criança, pela ótica de pessoas que estão com ela desde o nascimento. Permite as crianças o desenvolvimento efetivo, já que as duas instituições da qual participa estão interligadas em prol deste desenvolvimento. Para famílias como descrito por Bove proporciona debates, discussão de assuntos e temas relacionados à vida de seus filhos com as educadoras e outras famílias. Propiciando uma rede de relacionamentos que efetivaria a complementariedade entre famílias e instituições de Educação Infantil, explicitada na Lei de número 9394/96.

Segundo Tiriba 2001 as transformações no âmbito da creche contribuem para *“humanizar os espaços, as rotinas e qualificar as relações entre adultos e crianças e entre os profissionais da creche e famílias, superando a distância e a superficialidade impostas pelo modelo assistencialista de atendimento.”* (P.79) A autora destaca ainda que a partir deste trabalho na instituição perde a força a *“visão de creche construída na contramão das necessidades das crianças e suas famílias; e ganha força outra concepção de educação e de atendimento, forjado no diálogo sensível.”* (p.79)

O contexto da inserção promove *“uma oportunidade para que os profissionais experienciem o intenso aprendizado que implica a observação e o estudo das relações humanas”*. (Bove, 2001 p.141) A observação das famílias no cuidado com as crianças

permite ao educador compreender o como os pais lidam com os cuidados e as frustrações dos filhos, assim os educadores poderão repensar os caminhos para iniciar a relação com as crianças.

Em interlocução com Guimarães (2012)

Hoje, consideramos que o bem-estar e a segurança das crianças estão atrelados ao bem-estar e segurança das famílias nos novos relacionamentos. Portanto, pensar a participação e o protagonismo da família no cotidiano é também levar em conta o direito das crianças a relações seguras. (p.99).

E segundo Bove (2001)

À medida que os educadores abordam essas complexidades e dão cada vez maior atenção pedagógica aos adultos em seu papel de protagonistas junto com as crianças, contribuem para o desenvolvimento de um modelo equilibrado de inserção. O modelo inclui uma atenção equilibrada ao bem-estar da criança, às necessidades e aos recursos dos pais e um sistema mais amplo de relações que fazem parte da vida da criança na creche e em casa. (Bove, 2001, p.143)

As instituições que agregam a inserção como parte efetiva do processo pedagógico, da mesma forma que as instituições italianas, nos mostram um conceito de Educação Infantil entendida como *“uma experiência relacional complexa, e acreditamos que a creche constitui um “sistema de relações” em que o bem-estar social, emocional e físico de cada um dos protagonistas depende do bem-estar dos outros.”* (Edwards, Gandini e Forman 1998 apud Bove 2001).

Capítulo 2: Os desafios da inserção

O importante é entender que a saída do cercado é a um só tempo estimulante e amedrontadora, que uma vez do lado de fora, é doloroso para a criança perceber que não pode retomar e que a vida é uma longa sequência de saídas de cercados, riscos e desafios novos e estimulantes.
(Winnicott)

2.1 Conhecendo a instituição e o caminho percorrido para a produção dessa pesquisa

Com base nas ideias de Ivanicki e Canen (2016) torna-se possível compreender que na pesquisa em Ciências Humanas, o acompanhamento do cotidiano, dos sentimentos e das percepções, move os sujeitos/pesquisadores que interagem interpretam e constroem sentido sobre o que está presente na realidade pesquisada. A partir desta perspectiva, neste trabalho, utilizamos técnicas da metodologia qualitativa, o estudo de caso de inspiração etnográfica e a pesquisa participante, no qual o pesquisador busca perceber os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no caso. Tal metodologia nos propicia um acompanhamento do cotidiano, construindo narrativas. A pesquisa foi realizada de maneira intensiva nos meses de fevereiro e março do ano de 2017, no período de dez dias, quatro horas por dia, totalizando 40 horas em campo. Durante o processo de realização deste trabalho, utilizei como instrumentos, além da revisão bibliográfica, caderno de campo com anotações das observações e entrevistas as professoras, a gestora da instituição e uma mãe que se interessou pelo tema.

Desta forma procuro compreender as relações creche-famílias e suas tensões. Para isso, foi realizada pesquisa de campo numa creche da prefeitura municipal do Rio de Janeiro, localizada na região central da cidade. A creche foi inaugurada em 19 de junho de 2009, no início ela funcionava sem professor, apenas com auxiliares de creche com carga horária maior do que hoje. Antes as auxiliares tinham carga horária de 8 horas, hoje as professoras e agentes tem carga horária de 6 horas. As crianças têm a carga horária definida como integral pela Lei 9394/96 de 7 horas diárias.

De acordo com depoimento da direção, a clientela da creche se caracteriza como variada. São famílias com estruturas diferentes. Há crianças com alto poder aquisitivo

que são filhos de secretários e advogados e há também o extremo oposto, crianças desfavorecidas economicamente que são filhos de empregadas domésticas, desempregados e ainda crianças filhos de pais e mães envolvidos com o tráfico da região.

Considerando tal contexto, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar caminhos e desafios da relação entre creche e famílias na educação das crianças de 0 a 2 anos, especialmente no momento da inserção das crianças na creche, visando contribuir na reflexão sobre os desafios encontrados em tal relação.

Tínhamos como intenção inicial acompanhar o berçário (grupo de crianças entre 06 meses e 2 anos) desde o primeiro dia dessas crianças na instituição, dia 2 de fevereiro de 2017, para acompanhar o período denominado “adaptação” pela rede municipal, no qual as famílias ficam com seus filhos em sala. Pretendíamos também entrevistar três famílias, não foi possível por questões burocráticas, consegui entrar em campo apenas no dia 14 de fevereiro. E em relação a entrevista com as famílias, conversei informalmente com uma mãe, que se disse interessada no tema. Alguns pontos desta conversa foram citados nesta pesquisa.

A nomenclatura utilizada pela rede municipal e pela instituição é problematizada nesta pesquisa, aqui nomearemos este período como inserção. No capítulo anterior já descrevemos nossa concepção sobre inserção, palavra traduzida do italiano “*inserimento*”, o que nos faz refletir sobre um ambiente que se prepara para receber a criança, modificando-a e sendo modificado por ela a cada momento. Fazemos referência a uma troca entre instituição, família e bebês.

A escolha desta instituição não foi feita ao acaso. Realizei o meu estágio obrigatório nessa creche no grupo do maternal 1 (crianças entre 2 e 3 anos). Como já descrito na introdução, na festa do dia das mães, as portas da sala foram abertas para a família das crianças, que optaram por não participar da atividade proposta pela professora (fazer massinha com farinha de trigo). Era como se elas não pertencessem a esse espaço. Essa situação causou-me estranhamento. Por este motivo, optei em voltar à creche onde fiz o estágio, ancorada em referências bibliográficas sobre o tema, numa perspectiva de pesquisa e compreensão de como se constituem essas relações no início do período letivo.

Optei pelo grupo em que os bebês têm o primeiro contato com outra instituição, que não seja a familiar.

Considero importante qualificar as relações entre creches e famílias na rede pública, tendo em vista a importância destas instituições nas comunidades onde grande parte das creches cariocas está situada. É importante ressaltar que estive presente na instituição no período da tarde, no grupo do berçário, que tem vinte e seis crianças 11 meninas e 14 meninos e uma equipe educacional que consta de duas professoras e quatro agentes, que se dividem no turno matutino e vespertino. Pude acompanhar um momento da rotina, o horário da saída no qual os educadores, as crianças e as famílias, os três agentes de nossa pesquisa encontram-se.

A observação visava focalizar as interações creche-família e suas peculiaridades. Nas entrevistas, fiz algumas questões para a gestora e as professoras, com o objetivo de aproximar-me dos significados deste processo para elas. (ANEXO 1)

Com a observação realizada no período de inserção e as entrevistas, a partir de uma perspectiva triangular, na qual educadores, famílias e crianças são os sujeitos fundamentais no processo educativo organizei os resultados, destacando três temas relevantes na prática educativa da creche. Os temas são: Organização do tempo e espaço no período de inserção; Relações – entre encontros e desencontros e Mordidas: agressão ou expressão?

2.2 Organizações do tempo e espaço no período de Inserção

A Secretaria Municipal de Educação (SME) enviou para a creche, no final do ano de 2016, uma proposta sobre a organização do tempo para os primeiros dias letivos. Segundo a gestora da instituição, foi organizada uma reunião para pensar esta proposta, que segundo ela tinha como objetivo uma hora de atividades no primeiro dia. Nesta reunião ainda no ano anterior ao da pesquisa (2016) foi montado um horário “especial” para as crianças de todos os grupos, dividindo as turmas em dois subgrupos. Na porta da sala havia uma lista anexada com nome das crianças e os horários do período de inserção, a professora reforçava os horários na entrada e saída das crianças e suas famílias.

Ao todo foram dezessete dias com horários diferenciados para receber as crianças na creche, o que pode ser observado na tabela abaixo.

Dias	Quantitativo de horas	Observações
2,3 e 6 de fevereiro	2 horas diárias	Um subgrupo no horário da manhã e o outro à tarde.
7 e 8 de fevereiro	3 horas diárias	Um subgrupo no horário da manhã e o outro à tarde.
9 e 10 de fevereiro	4 horas diárias	Um subgrupo no horário da manhã e o outro à tarde.
Dia 13 de fevereiro	5 horas diárias	Os subgrupos estiveram juntos por uma hora.
Dia 14 de fevereiro	6 horas diárias	Os subgrupos estiveram juntos por 3 horas.
Dia 15 de fevereiro	7 horas diárias	Os subgrupos estiveram juntos por 5 horas.
Dia 16 de fevereiro	8 horas diárias	Os subgrupos estiveram juntos por 7 horas.
Dia 17 de fevereiro	9 horas diárias	Os dois grupos permaneceram pelo período integral na creche.

Apesar de existir a lista de horários na porta da sala e do reforço na fala do professor ao receber as crianças, alguns pais não conseguiam chegar a tempo e buscavam seus filhos fora do horário estipulado pela instituição. O motivo descrito pelos responsáveis na maioria dos casos era o horário no trabalho e o trânsito para chegar à creche. As educadoras sempre pedem para que os pais tentem na medida do possível cumprir o horário de entrada e saída dos bebês.

Ao ser questionada sobre a diminuição da carga horária nos doze primeiros dias uma das agentes educacionais fez uma problematização sobre essa questão: “ao mesmo

tempo em que é bom é ruim também. Porque adapta duas vezes, os educadores do turno da manhã não são os mesmos que o da tarde o que torna a adaptação mais demorada.”

A inserção das crianças de horário integral exige da instituição a construção de estratégias de comunicação entre as equipes que acolhem crianças e famílias, desviando do risco das informações truncadas e da contradição nas relações cotidianas.

Num outro prisma, de acordo com a professora do horário da tarde a diminuição da carga horária e a divisão do grupo *“permite uma atenção maior... com muitas crianças você não sabe a quem dar atenção, com o numero reduzido cria-se a referência e vínculos que vão aumentando com o tempo.”* Em diálogo com a perspectiva desta educadora, Bove (2001) explicita que *“os educadores propiciam uma separação inicial positiva, oferecendo um contexto estrategicamente planejado para apontar e estimular com delicadeza o surgimento de novos relacionamentos.”* (P.135)

Porém é necessário um cuidado, porque a reformulação de horários implica na rotina da instituição. Todos os profissionais da creche precisam participar desse acolhimento inicial. Um exemplo de tal implicação aparece em meu caderno de campo e será descrito abaixo.

No dia 16 de fevereiro, os dois subgrupos de bebês estiveram juntos por um período de sete horas. O 1º subgrupo sairia às 15 horas e 30 minutos, porém o horário da janta era às 15 horas e 15 minutos (esse é o horário padrão do jantar no berçário, mesmo após o período de inserção). A professora com mais duas agentes deram banho e organizaram os bebês que saíram no 1º horário, ao levarem o jantar dos bebês elas foram dar a comida para os vinte.

Os bebês começaram a chorar e muitos se sujaram, viraram o pote de comida no rosto e na roupa. Enquanto isso acontecia, alguns pais chegaram para buscarem os filhos. Uma das mães ao ver o filho chorando, entrou na sala e acompanhou uma das agentes até o banheiro, pois a criança estava com comida por todo o corpo.

Os outros bebês ainda estavam jantando, outra mãe chegou e foi entrando na sala, seu filho que estava no chão chorando ao ver a mãe sorriu e engatinhou ao encontro dela. Uma das agentes perguntou se a mãe poderia esperar do lado de fora enquanto ela arrumava o menino. A agente limpou a boca da criança, organizou a mochila e a levou até a porta entregando-a para a mãe. (caderno de campo fevereiro/2017)

O fato presenciado relaciona-se com a concepção de Bondioli e Mantovani *“a educadora teme o juízo do pai tanto sobre sua pessoa quanto sobre o seu profissionalismo, e às vezes busca proteger-se atrás das regras da instituição.”* (1998 pág.165).

O momento foi denominado como “*um caos*” pelas educadoras que disseram que os horários precisavam ser repensados. Afinal alimentar um grupo de vinte crianças e cuidar delas para o horário de saída em 15 minutos torna o trabalho mecânico e as crianças se prejudicam por não terem a atenção que necessitam, prejudicando o sentido da creche que existe para cuidar e educar simultaneamente.

No horário de saída do segundo grupo, às 16 horas e 15 minutos, havia sete crianças na sala. Já não havia mais choro e todos estavam prontos a espera de seus responsáveis. Duas mães perguntaram se poderiam entrar para pegar o filho. “*É claro, esse espaço é de vocês*” respondeu outra agente.

Esse dia fez com que eu problematizasse essas relações. É complexo cuidar da criança e das famílias ao mesmo tempo. No primeiro grupo, a mãe poderia ser convidada a colaborar ao invés de sair? Como vê-las (as mães) e vivê-las mais como parceiras do que como “clientes” que temos que responder/atender bem? É importante para os pais sentirem-se parte da creche, estarem presentes, tendo acesso à sala para buscar seus filhos. Mas, essa situação exige planejamento e abertura para a troca.

Outro fator que influenciou nesta questão é não ter o envolvimento efetivo dos outros espaços educacionais. Quando pensamos em inserção pensamos num acolhimento por parte de todos os ambientes, e por todos os educadores. Modificar os horários no período de acolhimento das famílias implica no planejamento por parte de todos da instituição. Os horários de alimentação e uso de outros espaços coletivos na creche podem ser repensados para permitirem que as crianças e suas famílias sintam-se acolhidas pelo espaço e pelas pessoas presentes nele.

Ao mesmo tempo em que discutimos a importância da organização do tempo na inserção e na relação pais e professores, também precisamos pensar na organização de espaços que propiciem a inserção.

Na interlocução com Bove, compreendemos o fato em que “*os adultos podem criar espaços, estratégias e atitudes que propiciem as condições de espaço e tempo necessárias para se ter um “ambiente inclusivo” onde as pessoas possam expressar sua ampla gama de sentimentos e emoções.*” (Bove, 2001, p.140) Como proposto pelos

autores a criação de espaços , ou seja, ambientes que sejam acolhedores aos bebês e às famílias.

No meu primeiro dia de observação a professora levou os bebês para tomarem banho de mangueira no espaço externo da creche. De três em três, chorando muito, os bebês iam para o pátio e ao voltarem, alguns não chorando mais, eram arrumados pelas agentes para irem pra casa. Por que essa proposta que exige intimidade logo no início e parecia invasiva nas primeiras semanas? Como responder ao choro de forma

acolhedora? A inserção é *“um período que não deve ser precipitado, como um tempo para escutar, observar e descobrir.”* (Bove,2001,p.140)

O que Bove explicita nos faz problematizar o planejamento durante a inserção dos bebês. A escuta, a observação e a descoberta tornam-se primordiais nesse momento em que a construção de relacionamentos e laços afetivos começa a se consolidar entre os educadores e os bebês.

Em suma a organização do tempo e do espaço são características fundamentais para o acolhimento aos bebês. É importante perceber o que as mudanças, como as que ocorreram nessa creche, no período de inserção podem propiciar ao acolhimento dos bebês, para que esses se integrem a creche ou não. Além disso, é preciso também problematizar o espaço destinado às famílias. Estar em sala com as educadoras e seus filhos não apenas utilizando o espaço, mas sim se apropriando dele com os bebês, construindo laços e vínculos entre o triângulo educadores, bebês e famílias. Para isso é preciso que os pais sejam acolhidos por esses educadores, que eles participem de atividades na creche junto aos seus filhos podendo assim sentir-se parte do ambiente.

2. 3 As relações – entre encontros e desencontros

Segundo a gestão da creche em entrevista, há o interesse em organizar o tempo e o espaço, não apenas para o período de horas das crianças na creche, mas também, como um tempo de encontros entre educadores e famílias. *“fazer um encontro diário dos pais, para discutirem coisas, falarem sobre as angústias. A creche tem material interessante, mas há resistência, e isso ainda não foi possível.”* (gestão) Essa resistência destacada pela gestora refere-se à equipe da instituição e aos pais. Em interlocução com essa situação, utilizo Bove para auxiliar numa compreensão de como a inserção tem

sido vista “*uma experiência de construção de novos relacionamentos mais do que como uma experiência que gira em torno da separação da mãe.*” (Bove, 2001, pág.139)

A educação foi feita por pessoas e para pessoas, quando falamos em encontros e desencontros estamos nos referindo a seres humanos, que tem suas inquietações, seus desejos e seus sonhos. Uma família não é igual à outra, nem mesmo os educadores são iguais e essa diferença transforma a creche numa instituição viva. Um dia nunca é como o outro até mesmo a rotina é diferente, quando um bebê não dormiu bem isso implica no decorrer do dia dele na creche. Segundo a professora do turno vespertino “*a inserção dos bebês não depende só do professor, mas também das famílias e de toda a equipe da creche, formando uma rede de apoio, essa rede é o maior desafio!*” Em diálogo com Malaguzzi pensamos neste trabalho na “*educação baseada no relacionamento e na participação.*” (Malaguzzi,1999, p.75)

De acordo com a gestão da instituição, ao perguntar aos pais do berçário no início do ano, o que eles “*esperam da creche?*” muitos respondem que tem o desejo de que as crianças, inclusive os bebês, ao longo prazo na instituição, aprendam a ler e escrever. Há nesse momento a necessidade do diálogo, do debate e de reuniões para apresentar a esses pais o que é a educação infantil e quais são os seus objetivos. Como, por exemplo, o que está descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009 “*práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.*” É de suma importância que a instituição creche tenha uma “intimidade” com os pais para que eles possam compreender que seus filhos produzem conhecimento na creche a partir das vivências, interações e brincadeiras.

Entre encontros e desencontros observamos os desafios da relação entre educadores e famílias. As crianças estão sendo apresentadas a um universo diferente do seu contexto familiar, a relação entre as duas instituições citadas é o que permite aos bebês um sentimento de segurança para relacionar-se na creche, que se torna para eles um ambiente de socialização, no qual eles vão expandir as relações entre bebês e bebês, bebês e educadores e famílias com educadores. Numa conversa informal a mãe de um dos bebês que está no berçário desde 2016, disse que “*a professora deste ano manda*

fotos para os pais, demonstrando como o bebe está na creche, para mim isso é fundamental, um acalanto para as mães.” Tal relato dialoga com a necessidade de compreensão de que “para ambas, família e instituição de Educação Infantil, o compartilhamento da educação das crianças pequenas marca-se por diversas ações cotidianas onde há escuta, troca, valorização do e da experiência do outro.” (Guimarães, 2012, p.97)

Com este relato conseguimos perceber o quão importante é a documentação do processo de inserção e também dos projetos na educação infantil. Neste caso a documentação é um meio de consolidação das relações. Ela reafirma aos pais o ato de cuidar e educar dos educadores com os seus filhos.

O período de inserção na creche poderia ser repensado além dos doze dias de diminuição de horários citados no tópico acima e sim em todos os momentos e a todo tempo. Até mesmo de um ano para o outro. Por este motivo,

Pensar a participação e o protagonismo da família no cotidiano é também levar em conta o direito das crianças a relações seguras. O trabalho sobre/com os relacionamentos é também trabalho pedagógico. É importante que seja planejado, avaliado, revisto, discutido, re-encaminhado sistematicamente (Guimarães,2012, p. 100)

A gestora informou que toda a última terça-feira do mês acontece “o dia do brincar”, uma proposta da Gerência de educação infantil da SMERJ “*ressaltamos que a proposta é que as últimas terças-feiras de cada mês, como já vêm acontecendo ao longo do ano letivo, sejam de celebração, potencializando assim os projetos desenvolvidos nas instituições.*” (<http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=19> acesso em 05 de março de 2017). Segundo a gestão da instituição, no dia do brincar as famílias são convidadas a estarem no espaço físico da creche, para brincarem junto aos seus filhos e educadores com a supervisão da P.A (professora articuladora).

Como percebemos acima há na creche o planejamento institucional, que vêm da secretaria municipal de educação. Porém o planejamento descrito por Guimarães inclui o trabalho pedagógico das educadoras em sala com seu grupo e nesse caso com os pais dos bebês incluídos em processos de projetos, ou numa atividade. Nos dias em que fiz a observação não presenciei momentos do planejamento em que as professoras tivessem propostas para as famílias participassem com seus filhos.

Há no calendário da instituição o dia da família, no qual os pais são convidados a vivenciarem atividades junto com seus filhos e as educadoras. Porém é preciso ir além, promover espaços de encontros e debates entre professores e pais, para discutirem temas relacionados ao desenvolvimento dos bebês, que deixa de ser um cuidado apenas dos pais e passa a ser compartilhado com a instituição creche no momento em que acriança torna-se parte deste ambiente.

Além dessa relação entre adultos, pais e professores, é de suma importância o contato entre a tríade família, educadores e crianças, como num picnic com as famílias, dentro da sala mesmo, na participação de uma atividade coletiva, assistindo a contação de história do professor.

Outro fator que influencia na relação entre pais e educadores é o que as professoras nomeiam de *“adaptação quebrada, um agravante do processo de inserção”*, segundo elas. Acontece quando o bebe falta por motivos pessoais ou de doença num período da inserção ou logo após a ele. Quando a criança volta, o horário dela é reduzido novamente porque ela passou um longo tempo com a família o que implica a ela o desejo de ter os pais por perto influenciando no choro contínuo em quanto esta na creche. Segundo a professora essa volta à instituição precisa ser feita com cautela e aos poucos para que a criança volte a se acostumar com o espaço.

Como já descrito neste trabalho, na primeira semana dos bebês na creche as famílias ficam em sala. Quando *“os educadores estimulam os pais a participarem ativamente do período de transição, eles permitem que a criança sinta-se mais segura à experiência ávida no novo contexto.”* (Bove, 2001, p.138).

Segundo a gestão, em entrevista, o que motiva a instituição a preparar o ambiente para o primeiro contato é o *“afeto. Uma das primeiras coisas que eu penso é criar vínculos e confiança para parcerias. Se essa relação não tiver uma boa base, teremos problemas o ano inteiro. Quando as famílias percebem o nosso trabalho, o sumiço de uma chupeta não gera tantos problemas, porque eles deixam de nos ver como quem toma conta de seus filhos e passam a nos ver como educadores.”* (Diretora geral)

No diálogo com Guimarães 2012 podemos dizer que *“Trata-se de assumir que o*

foco do trabalho na creche, principalmente no berçário, não é só o bebê, mas a família.” (p.95) Uma das agentes em entrevista relatou ,em entrevista,que “a presença da família na creche é primordial. É preciso um elo entre pais e educadores. sem a interação entre os dois a educação das crianças não flui.”

Contudo a observação me permitiu compreender que as famílias e educadores vivem num constante encontro e desencontro, que permitem a essas instituições cooperarem para a complementaridade na educação dos bebês. A creche precisa tornar-se *“Um espaço de significativos, singulares e prazerosos encontros humanos significa caminhar no sentido de qualificar o dia a dia de crianças as relações que hoje se estabelecem entre creches e famílias.” (TIRIBA, p.79, 2001)*

2.4 Mordidas: Agressão ou expressão, como elas implicam na relação!

O terceiro desafio observado em campo, que implica na relação entre pais, educadores e crianças são as “temidas” mordidas. Alguns pais as percebem como agressão física e os bebês que mordem são estigmatizados como agressores.

As mordidas fazem parte do desenvolvimento das crianças e presentificam-se no contexto educacional das creches, trazendo implicações para a relação entre famílias e dos professores com famílias, porque em alguns casos pais rotulam os bebês de outras famílias com o propósito de defender seus filhos. Além disso, há uma concepção acerca da negligência dos professores que “permitem” a mordida.

Na entrevista, uma das agentes educacionais que trabalha na creche há seis anos disse *“eu tinha medo de vir trabalhar no berçário por causa das mordidas. Aqui ela é a causa maior de problemas com os pais. Há alguns anos já teve até polícia envolvida.”* Tal relato nos permite uma problematização entre as mordidas e a relação família e creche. O medo da educadora refere-se às ações das famílias ao saberem ou perceberem que seus filhos foram mordidos, um medo que está presente na relação. Em interlocução com Bondioli e Mantovani (1998) destaco que muitas vezes *“a presença do pai, é emotivamente percebida como incômoda.” (p.165).*

A partir de minhas observações percebi que a primeira reação das educadoras é tentar evitar que a mordida aconteça. Quando acontece, as professoras analisam a marca na pele dos bebês para ver como amenizá-la, além de dar colo a eles a fim de diminuir a

dor e o choro. O bebê que mordeu escuta das educadoras a frase “*Não pode morder! Dói e machuca*”.

No dia 23 de fevereiro de 2017 Riam e Geovane¹ brincavam nos blocos de espuma presentes na sala. O Emanuel se aproximou e mordeu as costas de Riam. As educadoras ao perceberem a situação pegaram Riam no colo e a marca dos dentes na pele avermelhada trouxe preocupação para elas. A professora ficou com o bebê que chorava em seu colo enquanto a agente educacional ficou pensando em alguma coisa que pudesse amenizar a marca, ela colocou gelo sobre as costas de Riam. Emanuel em menos de um mês na creche ficou conhecido pelo seu ato de morder. Riam parou de chorar e dormiu em meu colo, a marca da mordida já não aparecia tanto, mas a professora me confessou o receio em dar a notícia para a mãe. Ela explicitou que “falar com os pais sobre assuntos como este é delicado” Quando a mãe chegou à professora entregou primeiro a mochila e depois pegou o bebe de meu colo para

entregá-lo, colocou ele no colo da mãe ao mesmo tempo em que contava o fato da mordida. A mãe ficou em silêncio sobre o caso, mas sua expressão facial demonstrava insatisfação com o ocorrido. (caderno de campo fevereiro/2017)

Após outras situações como essa, as educadoras pensaram em construir numa parte do mural um diálogo com os pais, nomeado de informativo do berçário com dois textos adaptados explicando o que é a mordida e falando um pouco sobre essa fase. Trago abaixo alguns trechos dos textos presentes no mural.

“Mordida! Esse é certamente um dos maiores temores de mães com filhos em berçários e escolas de educação infantil. Claro ninguém gosta de ver aqueles sinais doloridos na pele de seu filho. Mas como qualquer um corre esse risco, é preciso entender o que isso significa.” (Baseado no texto: mordidas agressividade ou aprendizagem? De Ana Maria Mello e Telma Vitória)

“A fase das mordidas entre as crianças sempre causa muitas confusões. Geralmente, é um assunto delicado para pais e educadores. Os pais da criança que mordeu se sentem constrangidos e culpados enquanto a família da criança que foi mordida se sente

¹ Com o objetivo de preservar a identidade das crianças, os nomes utilizados no relato com base em caderno de campo são fictícios.

agredida e se questiona com relação aos cuidados que o filho está recebendo no ambiente escolar” (Por Danielle Dittmers)

“É importante que se saiba que esse comportamento de morder faz parte do desenvolvimento. O bebê entra em contato com o mundo através da boca.” (Por Danielle Dittmers)

Os textos no mural são outra forma de diálogo com as famílias, a professora explicou que tem conversado com os pais sobre essa questão, mas buscam outros meios para essa comunicação. Uma das mães desse grupo tem um blog sobre a vida dela e de seu filho e um dos textos presentes no blog é sobre mordida. Segundo Bruna o texto estava no mural do ano passado, seu filho entrou no berçário em 2016 e continua em 2017. Ela que é advogada pediu autorização da autora para publicá-lo na internet.

A professora em conversa com esta mãe pediu para que ela colocasse no grupo de “watsapp” dos pais o link do blog. Segundo a professora é importante que não seja apenas ela falando sobre esse assunto com os pais, mas que eles percebam a visão dessa mãe sobre o tema. Além dos pais perceberem a visão dessa mãe, novas relações são construídas entre as famílias no lugar dos conflitos gerados pelas mordidas.

Bruna² descreveu que os textos nos murais são de suma importância, é um meio de comunicação entre educadores e famílias. Porém ela acredita que são poucos os pais que os lêem. Questionei-a se em algum momento no ano de 2016 ou neste ano a creche conversou, debateu, ou fez uma palestra sobre esse tema com os pais e a resposta foi que não. Segundo ela a decisão por colocar o texto no blog foi a partir de um “escândalo” no grupo de pais do “watssapp” em 2016, quando uma mãe reclamou por seu filho ser mordido.

Bruna explicita que a vivência com sua filha mais velha e nos textos que leu sobre o tema ela compreendeu que

“a mordida é aprendizado, um dia a criança morde, no outro é mordida. Quando meu filho é mordido não me interessa quem foi, me preocupo se as professoras passaram

²Com o objetivo de preservar a identidade da mãe, o nome Bruna é fictício

gelo e cuidaram dele”.

O texto presente no blog é de autoria de Aline Pinto e Jocéris Cachel. As autoras descrevem no texto o quanto as mordidas são comuns no berçário e explicitam que elas não revelam um descaso dos professores, mas sim situações cotidianas que fazem parte do desenvolvimento infantil.

Toda a estrutura textual apresenta um diálogo para os pais, o texto é escrito para eles, o que é perceptível no trecho a seguir: *“as marcas da mordida doem muito mais em você do que nele mesmo. É preciso calma para resolver a situação! Compreenda que a criança que morde não o faz porque é má, é que na vivência em grupo, é normal que isso aconteça. Logo, logo, seu filho irá descobrir como se defender e se impor aos coleguinhas. Não incentive a agressão. Oriente a criança a expor a insatisfação e a dor que sentiu ao ser mordida”.*

A partir de tal citação retirada do blog “Vida de mãe Plus size”, compreendemos o quanto o texto direciona aos pais a agirem em relação à mordida. Compreendemos que essa situação deveria ser discutida amplamente com toda a comunidade escolar de forma a construir os caminhos da relação professores e pais, influenciando positivamente no desenvolvimento do bebê.

Contudo a observação e as entrevistas me permitiram perceber o quanto as mordidas influenciam na relação entre educadores e famílias. Há um medo por parte dos educadores e uma acusação por parte dos pais que não compreendem que as mordidas são naturais do processo de formação infantil. É perceptível que o medo interfere na construção de um diálogo de uma interlocução entre creche e pais que poderia promover um conhecimento sobre a formação e o desenvolvimento dos bebês.

Considerações Finais

Nesta pesquisa abordamos o conceito “inserção” como o caminho inicial para o relacionamento entre educadores e famílias. Para compreendermos tal relacionamento foi necessário contextualizar a instituição Creche e seu surgimento o que nos deu base para compreendermos o quão difícil esta relação é desde o seu início, afinal, como descrito, famílias e creches “*nasceram na contramão*” uma da outra.

Foram expostas características comuns que implicam nessa relação, o que nos propicia um olhar mais cuidadoso. Muitas vezes o educador ao agir no calor de seu trabalho não consegue perceber pequenas situações que fariam diferença na relação dele com os pais. Com um olhar atento para as questões sobre as relações no contexto da creche pude perceber minúcias que poderiam propiciar uma união em prol ao desenvolvimento infantil.

É importante ressaltar que não existe fórmula para o relacionamento entre educadores e pais, mais sim um caminho a ser construído anualmente com cada família. É preciso ter sensibilidade para compreender que cada criança, cada família tem suas particularidades e seu modo de agir. A cada ano o educador se depara com um grupo diferente e com famílias diferentes. Mesmo que ele esteja com o grupo do ano anterior, muitas coisas se modificam, situações que acontecem dentro das famílias, as crianças que se desenvolvem rapidamente e modificam o contexto. Por este motivo o professor precisa reaprender a ser professor daquelas crianças, a ter relação com aquelas famílias. E a inserção é o momento dele reaprender, conhecer pais e crianças e se conhecer naquele grupo. A inserção como um momento inicial de contatos, de se preparar para receber o outro propicia isso ao educador.

A realização deste trabalho contribui para minha formação como educadora, afinal poder observar práticas e dialogá-las com textos nos faz unir o que aprendemos na faculdade com o dia a dia do professor. O contato com as crianças e com as famílias nos mostra os desafios e as positivities desta relação.

Em suma o que levo de aprendizagem para minha docência é a perspectiva da construção de relacionamentos. A importância do contato direto entre professores e pais e desses com as crianças. Compreendi a importância de um olhar atento para os sujeitos pertencentes ao espaço da creche. Que a escuta aos pais nos promove um melhor conhecimento de nossas crianças e que a presença deles na sala, com o grupo permite um amplo desenvolvimento dos pequenos.

Pais e educadores precisam ser cúmplices no educar e cuidar dos bebês, é a complementariedade descrita pela Lei de Diretrizes e Bases número 9394/96 (LDB) que precisa acontecer e que terei como base para minha formação docente. Eu percebo que independente de atuar futuramente na Educação Infantil ou em outra etapa da educação Básica a concepção de uma relação efetiva com as famílias precisa estar implícita no trabalho docente de todos os educadores.

É importante salientar a necessidade da presença das famílias nas instituições de educação infantil. Esta presença promove diálogo e um relacionamento efetivo, prazeroso e importante para o desenvolvimento infantil possa ser efetivamente concretizado como trabalho pedagógico.

Ressalto que os estudos sobre as relações famílias e creches não se esgota nessa pesquisa. Diversas temáticas podem ser problematizadas sobre o tema em destaque. Outras pesquisas e análises podem ser feitas com um enfoque diferente na pesquisa sobre as relações.

Anexos

Anexo um: Roteiro de Entrevistas

Para as professoras:

1) Dados pessoais e acadêmicos

Nome:

Idade:

- Bairro em que reside:
- Qual a formação acadêmica?
- Em qual universidade estudou?
- Pretende dar sequência à formação acadêmica? De qual forma? Com quais objetivos?

2) Experiência Profissional

- Há quantos anos trabalha nesta instituição?
- Você já trabalhou com o grupo do berçário em outros anos? Caso sim, quantas vezes? Se não, como está sendo a experiência?

3) A inserção e a relação com as famílias

- Para você, quais são os desafios do período de adaptação/ inserção para as crianças, professores e famílias?
- Como você percebe a participação dos pais nesse momento em que a criança está se inserindo na creche?
- Em sua opinião, o que a presença dos pais possibilita no período de adaptação/ inserção?
- Para você, essa organização de subgrupos em horários diferentes, promove quais possibilidades pedagógicas?
- Pensando além deste período inicial, como você percebe e significa a presença das famílias na instituição?

Para a gestão da instituição

1) Dados Pessoais e acadêmicos

Nome:

Idade:

1. Bairro em que reside:
2. Qual a formação acadêmica?
3. Em qual universidade estudou?
4. Você pretende dar sequência à sua formação acadêmica? De que forma?
Com quais objetivos?

2) Experiência profissional

1. Há quantos anos você é gestora
2. Há quantos anos trabalha nesta instituição?
3. Você já foi professora na Educação Infantil? Caso sim, por quantos anos?

3) A inserção e a relação com as famílias

1. Para você o que é adaptação/ inserção e como ela acontece aqui na creche?
2. Quem organiza os horários das crianças no período de adaptação/ inserção?
3. Para você, por quais motivos a família precisa estar presente na primeira semana do grupo do berçário na creche?
4. Como a gestão da creche oferece oportunidades para as famílias estarem na instituição e participarem efetivamente?

Referências Bibliográficas

- BONOMI, Adriano. "O relacionamento entre educadores e pais." Bondioli A, Mantovani S. Manual de educação infantil: de 0 a 3 (1998): 161-72.
- BOVE, Chiara. "Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações." GADINI, Lella; EDWARDS, Carolyn.
- Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed(2002): 134-149.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei n° 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- DIDONET, Vital. "Creche: a que veio... para onde vai..." Em aberto 18.73 (2008).
- Disponível em : <http://www.rioeduca.net/blog.php?bid=19>
- FEDERAL, Senado. Constituição federal de 1988. Retrieved March, v. 13, p. 2004, 2003.
- GUIMARÃES, Daniela. "A relação com as famílias na educação infantil: o desafio da alteridade e do diálogo." Educação Infantil e Sociedade: questões contemporâneas. Nova Petrópolis: Nova Harmonia (2012): 88-100.
- MANTOVANI, Suzanna; TERZI, Nice. "A inserção". Bondioli A, Mantovani S. Manual de educação infantil: de 0 a 3 (1998): 173-7184.
- NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. Análise Social, p. 563-578, 2005.
- SACON, Lucilde et al. Relações entre creche e família: apontamentos sobre a inserção das famílias na Educação Infantil. 2014.
- TIRIBA, Léa. "Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias." Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: SEPE: DP&A (2001).